

DESISTIR NUNCA, PERSISTIR SEMPRE.

QUANDO TOMEI POSSE NO BANCO

E FUI MORAR EM IRECÊ, A PRIMEIRA VEZ QUE FUI NA AABB JUNTAMENTE COM UM COLEGA, CHEGANDO LÁ DEPARAMOS COM UM GRUPO BASTANTE ANIMADO, SENTAMOS UM POUCO AFASTADO DO GRUPO E EU PERGUNTEI, PORQUÊ NÃO SENTAMOS JUNTOS COM ELES, UMA VEZ QUE OS COMPONENTES SÃO COLEGAS DO BB? ELE ENTÃO ME RESPONDEU, ALÍ SE TRATA DE UMA PANELINHA, NÃO CONCORDEI COM O ARGUMENTO DELE. FOMOS OUTRAS VEZES LÁ, MAS O COLEGA INSISTIA NO TAL ARGUMENTO. FOI QUANDO EU PASSEI A FREQUENTAR A AABB SOZINHO, A CADA DIA EU IA ME APROXIMANDO DO GRUPO, NÃO DEMOROU NADA OLHA EU LÁ, JÁ FAZIA PARTE DA PANELINHA. ENGRAÇADO QUE OUTROS COLEGAS TINHAM ESSA MESMA IDÉIA DE PANELINHA, QUE NA VERDADE ERA UMA PANELINHA MESMO. MAS COM A MINHA PERSISTÊNCIA, ATÉ HOJE FAÇO PARTE DESSE GRUPO MARAVILHOSO, POR COINCIDÊNCIA OU NÃO, SOMENTE EU FIZ PARTE DOS TRÊS PRIMEIROS ENCONTROS E ESTOU PRESENTE NO QUARTO. VIDA QUE SE SEGUE, AMIGOS PARA SEMPRE.

RONALDO LIMA DO NASCIMENTO

Conto Vencedor do Certame. Entrega da premiação consta no vídeo A Festa do Encontro.

CASOS E CAUSOS DE UM TEMPO NO BB-IRECÊ (II)

Todo cronista do cotidiano tem apego a casos e causos que conhece ao longo da vida, principalmente aqueles que adquirem uma dimensão maior porque vivenciados durante a experiência de trabalho numa empresa como o Banco do Brasil:

PRIMEIRO GERENTE-GERAL:

- Alcir Dourado, grande seresteiro, tinha um barzinho próximo ao primeiro prédio da agência do Banco do Brasil de Irecê, onde vendia churrasquinho. O Sr. Pedrinho Lucena, o Instalador e primeiro gerente em 1964, era o seu freguês habitual. Certamente que o Alcir se sentia muito honrado em ter o gerente do Banco como seu cliente e usava isso no seu marketing de venda. Certo dia o Alcir, diante de alguns clientes e esperando ouvir palavras estimuladoras, pergunta ao “seu” Pedrinho o que ele achava do churrasco, visto que todo dia levava uns assados para casa. Habitado a algumas tiradas irônicas e debochadas, o “seu” Pedrinho responde prontamente:

- “Eu não sei, porque eu levo para o meu cachorro!”.

FISCAL DA CREAL

- Ao longo dos 211 anos do BB, o setor interno mais pródigo na geração de casos e causos pitorescos, é o da Fiscalização. Cada fiscal guarda na memória alguma história especial. Talvez motivado pelo fato de, geralmente, o cargo ter sido sempre ocupado por jovens ainda sem muita experiência de vida e trabalho, e sua relação no campo estar sempre ligada a uma cultura ruralista mais típica e interiorana.

Fiscal da CREAL foi o meu segundo cargo comissionado, entre 1969 e 1973, andava com um Jeep alugado e com motorista. É desse tempo o caso aqui narrado:

Então, o Fiscal era obrigado pela Administração a fazer o que se chamava na Agência de “Peão”, ou seja, se instalava num povoado ou cidade como base fixa de trabalho, e só retornava à sede do município depois de cumprir a pauta de fiscalizações agendadas. Assim foi que num certo dia de 1970 cheguei no Povoado de América Dourada, então Distrito de Irecê, para ali fixar a base de trabalho e fiscalizar os contratos da região. Não havia telefonia fixa ou celular e assim eram dias sem comunicação com a família.

Ao chegar na praça principal de terra batida, com a sua igrejinha tradicional, surpreendi-me com a grande multidão que ocupava todo aquele espaço: era dia de Festa do Padroeiro São Sebastião, que acontece todos os anos, e eu não sabia.

Logo imaginei que não iria achar vaga na pensão local e busquei me informar onde era a tal pensão. A primeira pessoa consultada e que era de Irecê, apontou na direção de uma casa grande e antiga, e disse que lá era a casa de D. Afra Dourada, a única pensão ali existente. Ao chegar lá procurei por D. Afra ou Afrinha, como a chamavam, uma senhora de idade, solteira e morava com mais duas idosas, e era tabeliã do povoado. A casa estava cheia de gente.

Perguntei-lhe se tinha vaga para mais dois hóspedes, disse-lhe que era Fiscal do Banco do Brasil e que pretendia ficar uma semana. Foi atenciosa e gentil, como todo sertanejo, e nos conduziu para um quarto com duas camas. Informei-lhe que ia para o campo trabalhar e voltaria à noite.

Ao retornar, fiquei surpreso ao ver que a festa tinha acabado e a pensão estava vazia! Perguntei-lhe pelos demais hóspedes e disse que todos já tinham ido embora. Como estava frio, pedi água quente para o banho de sapo, pois não tinha chuveiro. Jantamos, pela manhã pedimos ovos fritos no café e, se fosse possível uma galinha ao molho pardo para o meio-dia. Assim essa rotina e exigências transcorreram por uma semana, e ela sempre muito atenciosa.

Ao final do cumprimento da pauta para a região, era uma sexta-feira, e após o café da manhã, pedi que informasse a conta porque ao final da tarde já retornaria à casa em Irecê. Percebi ela meio titubeante, mudando de assunto, e sem qualquer pressa em informar a despesa. Logo lhe indaguei o porquê da sua dificuldade? Meio gaguejante, finalmente respondeu-me:

- É que há mais de 10 anos acabei a pensão!!!

Faltou-me solo nos pés! E disse-lhe:

- Não acredito no que a senhora está me dizendo! Ficamos uma semana lhe dando trabalho e despesa e a senhora agora me diz que acabou a pensão há anos!!

- Ah, seu Agenor, eu sempre hospedei todos os fiscais do Banco, desde os tempos do Banco de Jacobina, e agora não seria diferente! O Sr. pode voltar quantas vezes quiser que a minha casa está à sua disposição.

Morri de vergonha e o episódio foi objeto de gozação ao longo desses últimos 49 anos! Boa recordação de D. Afrinha, in memoriam!

AGENOR FRANCISCO DOS SANTOS

Matr. 0.216.480-9

Histórias de Irecê...

Corria o ano de 1982 (safra agrícola de 82/83), a época de plantio já se aproximava do fim e o Governo nada de autorizar os recursos para a liberação dos custeios. Época de intensa seca, o dinheiro do custeio era o combustível para movimentar a economia do município e da região. De lembrar que a agência de Irecê centralizava mais cinco agências classe “I”, Central, Jussara, Ibititá, Presidente Dutra e Uibaí. A contratação da safra anterior havia sido morosa e recheada de incidentes desagradáveis que não gostaríamos que se repetissem...

Fizemos uma reunião do setor de operações (SETOP), O Gilson era o Chefe de Supervisores, o Santiago, o Supervisor do SETOP, e eu, o Gerente Adjunto Operacional, respondendo pela gerência geral. Havia cerca de dez Auxiliares de Supervisão presentes.

Tínhamos cerca de cinco mil clientes. Naquele tempo exíguo seria impossível contratar toda aquela massa de operações de custeio. Não havia informatização no Banco para a contratação. Sugeri que fizéssemos a pré-impressão de todas as operações, com o que apenas colheríamos as propostas já com a assinatura dos contratos. Mas era uma grande diversidade de áreas a contratar. Pedi ao Santiago que fizesse um levantamento de todas as áreas contratadas na safra anterior. Havia áreas entre dez tarefas até milhares de tarefas... Como não havia a restrição de só contratar uma operação por produtor, optamos por contratar mais de uma operação por cliente. Assim, se o cliente pretendesse contratar 250 tarefas, se contrataria uma operação de 200 tarefas e uma outra de 50 tarefas; se fosse 275 tarefas, se faria uma de 200, uma de 50 e mais uma de 25 tarefas, por exemplo. Feito o levantamento, constatou-se, efetivamente, uma diversidade enorme de áreas.

Concluímos que era viável e chamamos uma gráfica para confeccionar as cédulas, os 06/13 (formulário de cadastro das operações) e as partidas de liberação. Surgiram, então, dois problemas: 1 – As gráficas locais não tinham capacidade para fazer, em curto espaço de tempo, a confecção do material; 2 – As partidas e o 06/13 precisavam ser confeccionados em papel especial para leitura das máquinas de “Leitura ótica”, com impressão também especial. Tivemos de chamar uma gráfica de fora (Salvador ou Feira de Santana, não lembro ao certo). Encontramos a gráfica e obtivemos o material em tempo recorde. Antes da contratação fizemos testes e correu tudo bem.

Aquela safra foi contratada em tempo extremamente curto, com trabalho muito reduzido e a contratação foi um sucesso. O cliente apenas assinava as propostas e as cédulas em que apenas se preenchiam os nomes e os valores e tudo ficava pronto em minutos. A única diferença foi que, ao invés de uma operação de crédito, o cliente contratava duas ou três, às vezes até mais. Na safra seguinte, ou logo depois, a norma do PROAGRO vedou a contratação de mais de uma operação de custeio para o mesmo produtor.

Carlos Pires

(*) O nome usado é fictício, mesmo porque eu não lembro o nome do cidadão, mas a história é 100% real.

Era um daqueles dias em que a gente perdia a noção até de como estava o tempo lá fora ou que horas eram, tal a quantidade de gente se acotovelando em frente aos guichês dos caixas.

Aproveitei um intervalo em que não apareceu ninguém em frente à mesa do Gerente Adjunto e resolvi dar “um giro”, para ver como estavam as coisas.

Foi quando o avistei, aparentemente muito acanhado, encostado à parede próxima aos elevadores, observando o movimento da multidão.

Ligado nas regras de segurança (todo o que estiver observando, aparentemente sem fazer nada, deve ser abordado – isso faz com que o “olheiro” perceba que há gente atenta e vai procurar outra agência para assaltar), me dirigi ao cidadão. Era um senhor pequeno, magrinho, muito calmo, que pareceu demonstrar enorme surpresa quando eu perguntei o que ele queria. Sua expressão de surpresa aumentou ainda mais quando eu disse que era o Gerente Adjunto e percebi que ele estava já a algum tempo ali parado.

Me disse o que queria, também já não lembro o que era, e eu, vendo que era coisa simples, rapidamente o encaminhei para a solução do problema.

Voltei, então, à minha mesa e comecei a atender a pequena fila que se acumulara em meu giro.

Cerca de meia hora depois, chamei o seguinte da fila, e não é que lá estava de novo o homenzinho. Agora foi minha vez de ficar surpreso, pois havei que seu caso já estava resolvido.

Ele então se levantou, sentou na cadeira à minha frente e falou em voz baixa, como se fosse para ninguém mais ouvir e disse:

- Eu queria lhe agradecer. O senhor foi muito atencioso e educado comigo. Saiba que pode contar comigo se o senhor precisar. Se tiver algum problema com qualquer um aqui da cidade, seja quem for, pode me avisar que eu resolvo sem lhe cobrar nada. Aqui está o meu contato: e me passou uma folha de papel com algumas linhas mal traçadas.

Sem entender nada, foi minha vez de agradecer, e o desconhecido sumiu na multidão.

Logo em seguida, um cliente conhecido sentou à minha frente e perguntou, com cara de preocupado:

- O que o Zé dos Rolo queria com você?

- Quem?

- O Zé dos Rolo, o cara que acabou de sair daqui...

- Ah, aquele... nada, só sentou para agradecer o atendimento.

- Ainda bem, fiquei preocupado.

- Ué, preocupado com o que, quem é ele?

- Aquele é o mais perigoso pistoleiro da região. Já matou mais de 30.

A revelação me fez pensar no significado de suas últimas palavras e, por via das dúvidas, joguei fora o papel recebido de suas mãos (vai que eu me desentendo mesmo com alguém e fico tentado) mas, tempos depois, fiquei pensando: Será por isso que eu escrevi tantas coisas no jornal local, contrariando muitos interesses, e nunca fui atacado? Vá lá se entender os desígnios da sorte...

João Edison Salete Aguiar.

Amigos de Todos os Tempos

No decorrer da vida participamos de várias fases que nos trazem diferentes momentos, alguns inesquecíveis, outros que por não terem sido tão importantes ficam no esquecimento.

E assim, nesta revisão da nossa vida, sentimos que precisamos entender o que construiu nossa existência, e principalmente o que alcançamos.

E entendemos a importância dos que participaram esta caminhada, como familiares e amigos, e aquilo que construímos como profissionais.

E a cada lembrança percebemos que somos conduzidos tanto pela nossa percepção e coragem de enfrentar as adversidades como pelo apoio dos que nos cercaram.

E entendemos que durante muito tempo, ficamos tão preocupados no que chamamos de vencer na vida que muitas vezes acabamos esquecendo o mais importante: agradecermos aos que nos conduziram por este caminho.

E dentro desta sensação, recordamos dos que foram nossas referências, como pais, avós e tios, e de repente nos somos a referência, pois muitos daqueles não se encontram mais conosco. Mas apenas os novos membros da família que nos identificam como a sua referência.

E os amigos acabam sendo aqueles que participam conosco em diversas etapas, alguns dos quais temos apenas boas lembranças, e outros que sentimos que colaboraram para a formação da nossa existência. Que sempre serão nossa referência. Por mais distante aos olhos que estejam.

E quando participamos de um grupo que há décadas estiveram juntos em uma região atuando como profissionais, e conservaram o espírito de amizade e fraternidade no decorrer da vida, entendemos como é importante estarmos vivenciando encontros como este. Pois entre tantas experiências que juntos vivenciamos, restou o mais profundo sentimento: uma amizade em que todos se aceitaram respeitando cada um em sua essência que a vida construiu.

E propuseram um pacto: sermos unidos pelo sentimento de uma amizade que se enaltece e comemora a cada encontro realizado.

E como foi construída durante nossa atuação como profissionais do Banco do Brasil em Irecê, nos inspira a afirmarmos com alegria: **Somos os Amigos de Todos os Tempos.**

Eden Lopes Feldman